

## Os novos caminhos para a administração empresarial na Guiné-Bissau

O mundo vive um momento bastante acelerado. Como afirma Senge (1990), “pela primeira vez na história, a humanidade está habilitada a gerar mais informação do que pode absorver, mais interdependência do que pode gerenciar, mais transformação do que pode acompanhar”. A Guiné-Bissau desde a proclamação da sua independência em 24 de setembro de 1973, até os dias de hoje, tem buscado sempre acompanhar o desenvolvimento empresarial dos países ricos, tentando adotar esse modelo para o crescimento das suas empresas, o que nunca conseguiu, devido à explosão de um acelerado processo de conduta política, econômica, social e organizacional estabelecida após a Revolução Industrial.

Sob essa perspectiva, a competitividade é vista como um tipo de relação permeada pela disputa entre organizações ou populações de organizações, por recursos escassos, mas essenciais à sobrevivência, caso típico da Guiné-Bissau.

Segundo Hannan e Freeman (1977/1989), “isso decorre da concepção de que duas espécies que habitam um mesmo nicho possuem dificuldade em conviver em equilíbrio, uma vez que lutam por recursos similares”. Desta forma, as organizações sujeitam-se, a processos de seleção e de exclusão competitiva, o que estimula a busca de novos métodos de fabricação e de gestão, de arranjos estruturais cada vez mais eficientes. Já o Michael Porter, professor da Universidade de Harvard, afirma que “as empresas criam vantagem competitiva, quando percebem ou descobrem novas maneiras de competir num segmento industrial e aplicam essas descobertas no mercado”. Daí as empresas, portanto, são considerados reservatórios de recursos que podem ser tangíveis ou intangíveis.

---

<sup>1</sup>ASD – Abdulai Sombille Djaló/Graduado em Administração Geral. Mestre em Sociologia Política. Linha de PESQUISA: Estado, Mercado, Empresariado e Sistemas Financeiros Internacionais.

Nesse ambiente competitivo que as empresas atualmente se encontram, o recurso que mais limita o crescimento e o sucesso estratégico não é mais o capital, mas sim o conhecimento e a capacidade de aprendizagem contínua (Learning Organization) aspecto que deveria ser imitado pelas empresas da Guiné-Bissau.

O novo padrão de competitividade no mundo empresarial coloca os recursos humanos como uma peça fundamental na estratégia das empresas de forma a poder enfrentar os concorrentes, situação que não ocorre com as empresas do país em cima referido, porque sempre coloca e continua colocando na frente as suas influencias políticas como fator primordial para gerar vantagem e vencer nesse mercado tão competitivo e globalizado.

Convém sublinhar que a filosofia e administração hoje, são ramos de conhecimento, na qual percebe-se uma grande necessidade de repensar os sistemas organizacionais, identificando o administrador não só como a pessoa que esta preocupado no lucro, mas sim na valorização de pessoas e na preservação do meio ambiente.

A idéia do trabalho representa para o sec. XXI uma nova visão, pois por meio desta atividade garante-se o mínimo de satisfação das necessidades vitais. Hoje na Guiné-Bissau é notório os resquícios da idade moderna na administração empresarial, em razão disso deve acompanhar às mudanças constantes e os avanços tecnológicos, em curso e valer-se deles para melhorar a administração e o seu funcionamento. Não se deve optar somente pelo raciocínio mecânico, mas precisa estar buscando novos ramos de conhecimento, com suporte na criatividade, flexibilidade e proatividade.

O sucesso no mundo competitivo atual depende, sobretudo, de respostas rápidas e de capacidade gerencial para coordenar recursos tangíveis e intangíveis para atingir objetivos organizacionais, onde os empresários têm que olhar para as organizações como um todo (visão sistêmico-holística), com o objetivo de descobrir quais recursos lhe proporcionam uma vantagem em relação aos concorrentes e implementar uma estratégia em consonância com sua capacidade produtiva. Contratando assim profissionais qualificados, colocar pessoas certas nos lugares certos, deixar o clientelismo de lado, apostar no *Benchmarking*, *Comakership*, Engenharia Simultânea, Produtividade, fazendo funcionar a efetividade, eficiência e eficácia.

## Referência bibliográfica

SENGE, Peter M. A quinta disciplina: **arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 10ª edição. São Paulo: Best Seller, 1990.

HANNAN, Michael T., FREEMAN, John. **The population ecology of organizations**. America journal of sociology, V.82, nº 5, p. 929-964, 1977.

HANNAN, Michael T., FREEMAN, John. **Organizational ecology**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

PORTER, Michael E. **Estratégia Competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.